

Dra. Elaine Phillips, Esther, Palestra 3

© 2024 Elaine Phillips e Ted Hildebrandt

No capítulo três, encontramos Hamã, o inimigo dos judeus. A narrativa é surpreendentemente discreta quando o capítulo três começa. Na verdade, como aprenderemos no versículo sete, cinco anos se passaram entre o golpe fracassado no final do capítulo dois e a ascensão de Hamã ao poder, e há indícios de mudanças significativas nesse intervalo.

A infinidade de conselheiros nomeados que cercaram o rei no capítulo um desapareceu, e Hamã foi singularmente empoderado em seu lugar, talvez como resultado de medidas de segurança impostas pelo rei ameaçado. O rei, de acordo com o versículo um, engrandeceu Hamã, elevou-o e colocou-o acima dos outros, criando uma hierarquia. O uso de três verbos em vez dos dois habituais indica o significado desta elevação.

Além disso, foi Hamã quem foi homenageado em vez da esperada promoção de Mordecai. O versículo dois diz o seguinte: todos os oficiais reais no portão do rei se ajoelharam e prestaram homenagem ou honra a Hamã, pois o rei havia ordenado isso a respeito dele, mas Mordecai não se ajoelhou nem lhe prestou homenagem. Ajoelhar-se e prestar homenagem é outro padrão de gibões, e a interpretação é crítica para esta narrativa.

Os termos significam especificamente dobrar o joelho e cair de cara no chão. Os participios podem sugerir uma reverência e raspagem contínuas. Como o rei havia ordenado este exercício, ele teve a sua aprovação e não significou algo desagradável do ponto de vista político.

Mordecai, porém, não se ajoelhava, não se prostrava, e a implicação do versículo quatro é que isso tinha tudo a ver com o fato de ele ser judeu. Ambas foram ações de humildade e reconhecimento de um superior. Embora existam muitos casos no texto bíblico em que os israelitas se curvaram aos reis e, na verdade, a outros superiores, as expressões nesses contextos não são as mesmas.

Aqui, as palavras hebraicas são *kor'im u'mishtahavim*. O mesmo par de palavras hebraicas não ocorre em nenhuma das passagens que descrevem honra a outro ser humano. Em vez disso, quando esses dois verbos são usados juntos, o indivíduo os executa na presença de Deus.

Este evento estava ocorrendo no complexo do portão, que era suficientemente amplo para que Hamã não percebesse o descumprimento de Mordecai até ser informado. Passando para o versículo três, indica que havia claramente uma uniformidade imposta, e que o comportamento de Mordecai era tanto uma

desobediência civil à lei do rei, como também uma afronta pública à honra de Hamã. Os servos interrogaram Hamã a Mardoqueu foi um desafio.

No versículo quatro, encontramos os servos seguindo Mordecai dia após dia, mas ele literalmente não os ouvia, uma expressão que muitas vezes se refere à obediência. No entanto, ele deu uma explicação aos servos, que remonta ao significado de kor'im u'mishtahavim. O fato de ele não se curvar teve tudo a ver com sua identidade judaica.

Ao relatar isso a Hamã, os servos queriam determinar se as palavras ou ações, a palavra divrei pode significar ambas, permaneceriam válidas. Se esta palavra sugere palavras, a sua afirmação de ser judeu poderia implicar que ele dependia de uma isenção étnica e religiosa. Se, por outro lado, a ideia geral era a atitude, bem como a ação que a acompanhava, os servos estavam ansiosos para ver se o desafio percebido seria tolerado.

A decisão deles de contar a Hamã representa uma intenção malévola. Até este ponto, Hamã não havia notado e pode ter continuado alheio. Mas assim que os servos souberam que Mordecai era judeu, eles não apenas pararam de tentar persuadi-lo a se curvar, como vinham fazendo, mas também entregaram o assunto a Hamã.

Vamos ler os versículos cinco e seis. Quando Hamã viu que Mardoqueu não se ajoelhará nem lhe prestaria homenagem, ficou furioso. No entanto, tendo aprendido quem era o povo de Mordecai, ele desprezou a ideia de matar apenas Mordecai.

Em vez disso, Hamã procurou uma maneira de destruir todo o povo de Mordecai, os judeus, em todo o reino de Xerxes. A raiva de Hamã pode ter surgido de vários pontos. Por um lado, esta afronta pública à sua honra já ocorria há algum tempo.

Literalmente, ele não estava ajoelhado ou curvado, presume isso e, além disso, não percebeu isso. Esta foi uma verdadeira humilhação. Se a disputa étnica contribuiu igualmente para a sua antipatia, assim como para a de Mordecai, isso também pode explicar por que ele estava cheio de raiva.

Tendo sido humilhado, Hamã formulou uma retaliação massiva, com a qual pretendia desonrar Mordecai e a aniquilação total do seu povo. A expressão povo de Mordecai é repetida duas vezes. Primeiro, Hamã foi informado da relação deles com Mordecai.

Então, eles se tornaram objeto de sua intenção viciosa. Algo, talvez a inimizade étnica de longa data entre os Senados de Saul e os de Agag, ou talvez o anti-semitismo mais generalizado, inflamou tanto Hamã que isto se tornou num plano

para o que era realmente uma limpeza étnica. O texto hebraico do versículo 7 começa com uma citação, no primeiro mês, o mês de Nisan, um lembrete claro da Páscoa e daquela grande libertação.

Foi no décimo segundo ano do reinado do rei, como aprendemos aqui, cinco anos desde os eventos do capítulo 2, tanto a ascensão de Ester ao trono quanto a exposição não reconhecida de Mordecai sobre a tentativa de assassinato. O fato de pobre, visivelmente sem o artigo definido, ter sido identificado como o lote, ha-goral, indica que o público inicial não estaria familiarizado com o termo estrangeiro pobre, mas conhecia bem a prática de lançar a sorte. Na verdade, o texto bíblico atesta o uso da sorte nas mais diversas atividades.

Versículo 8. Então Hamã disse ao rei Xerxes, há um certo povo disperso e disperso entre os povos em todas as províncias do seu reino que se mantêm separados. Seus costumes são diferentes dos de todas as outras pessoas e eles não obedecem às leis do rei. Não é do interesse do rei tolerá-los.

Vemos aqui que Hamã tinha acesso irrestrito ao rei, um privilégio não estendido ao resto do povo, incluindo a rainha. Hamã manteve vaga esta acusação que lemos, o que foi indispensável para obter a permissão que ele buscava. Sua descrição era insidiosa e a linha de abertura tinha um duplo sentido.

Um certo povo, o hebraico é ah-me-chad, fez com que parecessem sinistros por não terem nome, e ainda assim serem apenas um, e portanto insignificantes e provavelmente dispensáveis. A repressão do nome do povo impedia a identificação de indivíduos, como Mordecai, que era conhecido como o Judeu. A apresentação de Hamã começou com a verdade.

Eles eram de fato um povo disperso e, de certa forma, separado. A acusação então, porém, passou para uma meia verdade, de que eles tinham costumes diferentes, e, finalmente, para uma mentira descarada, de que não guardavam as leis do rei. Hamã cuidadosamente não disse ao rei quais leis não eram cumpridas.

Se pressionado, a única que ele poderia citar seria a ordem de se curvar diante dele. A estratégia final de Hamã foi colocar a questão em termos pragmáticos. Não vale a pena para o rei deixá-los descansar.

Continuando com isso, com seu apelo perante o rei, o versículo nove diz: se for do agrado do rei, seja emitido um decreto para destruí-los, e colocarei 10.000 talentos de prata no tesouro real para os homens que executarem isso. negócios. Prefaciado pelo obrigatório, se for do agrado do rei, Hamã propôs um decreto como solução. A passiva, deixe-se escrever para a sua destruição, retirou a responsabilidade de qualquer pessoa, o rei ou Hamã, e colocou-a, novamente, com a burocracia sem nome.

Estima-se que a oferta de 10.000 talentos de Hamã tenha sido de aproximadamente 60% da receita anual do Império Persa. Aprendemos com Heródoto que a receita total sob Dario foi de 14.560 talentos. Claramente, como a segunda pessoa num reino onde os déspotas provavelmente acumularam enormes quantidades de riqueza, Hamã tinha recursos consideráveis.

Isto, no entanto, parece estar ainda além desses limites. Uma explicação possível é que ele pretendia que pelo menos parte desta recompensa viesse do saque das propriedades dos judeus, embora tenha feito parecer que a quantia viria dos seus próprios cofres. Motivado pela promessa de recompensa adicional, ele provavelmente imaginou que o saque iria chegar e Hamã poderia então usá-lo para pagar aqueles que trouxessem saques adicionais, uma fraude da antiguidade com consequências letais.

Este foi um claro apelo à ganância do rei e, se os recursos de Xerxes tivessem sido seriamente esgotados pelo esforço de guerra, teria sido de facto bastante tentador. Há ainda uma possível faceta diabólica na apresentação de Hamã ao rei, e aqui devemos presumir, e é uma presunção, que o narrador do texto hebraico teve o cuidado de preservar na tradução um possível jogo de palavras significativo num diálogo original. Hamã pode ter tocado intencionalmente sons semelhantes de *avad*, escrito com um aleph, que significa aniquilar, e *avad*, escrito com um ayin, que significa escravizar.

Se esse fosse realmente o caso, isso explicaria o seu apelo ao valor de não permitir que esse povo anônimo descanse, no versículo anterior. Também poderia fornecer uma estrutura interpretativa para a compreensão da referência posterior de Ester ao fato de que se eles tivessem sido vendidos como escravos, ela teria ficado em silêncio, capítulo 7. E, finalmente, poderia explicar por que o rei parecia tão obtuso sobre o decreto de ao qual Ester se referiu. Ele foi levado a acreditar que a intenção de Hamã era a escravização, quando na verdade era um assassinato em massa.

É significativo que, ao falar com o rei neste momento, este tenha sido o único termo usado por Hamã. Quando o decreto foi escrito com sua tríplice terminologia, não houve erro quanto ao que ele queria dizer. A maneira arrogante como o rei aceitou o pedido de Hamã para destruir um povo inteiro, acompanhado de um suborno monumental, é chocante.

Se o rei tinha a ilusão de que se tratava de uma venda para escravização e que era para o bem do seu reino porque o seu povo representava algum tipo de ameaça, a sua resposta pode ser um pouco mais compreensível. No entanto, ele os dispensou com um aceno de anel de sinete, dirigindo-se primeiro ao dinheiro e depois ao povo. No momento em que Xerxes entregou seu anel de sinete, no qual lhe foi investida a

autoridade, aparece o nome completo de Hamã, seguido do epíteto adversário dos judeus.

O termo é mais forte que inimigo, filho. É tsorer, aquele que causa angústia. Parece que o rei aceitou de alguma forma a oferta de Hamã, pois Mordecai relataria uma transação financeira, e Ester declarou que seu povo havia de fato sido vendido.

Embora possa ter havido alguma ambigüidade proposital em relação ao dinheiro e ao significado de avad, uma vez que o rei disse a Hamã para ficar com o dinheiro e lidar com o povo como desejasse, o decreto de Hamã acrescentou o assustador e inconfundível matar e destruir. O rei nunca pediu esclarecimentos, mas deu a Hamã rédea solta para fazer o que quisesse, entregando um povo inteiro ao massacre ou à escravidão, e prontamente esquecendo-se disso. No versículo 12, a menção anterior de Nisan no versículo 7 era uma alusão velada à Páscoa.

Agora, as implicações são trazidas com força total. Aqui o decreto é anotado como escrito no dia 13 do primeiro mês, um dia antes da Páscoa. Na altura em que os filhos de Israel recitavam tradicionalmente a narrativa da libertação da escravidão do Egito, eles enfrentariam, em vez disso, a terrível perspectiva de aniquilação sob outro opressor estrangeiro.

E depois disso, a máquina burocrática voltou à ação. Os escribas foram convocados. Tudo o que Hamã exigiu foi escrito em nome do rei e selado com seu anel de sinete, cada ação indicada por um verbo passivo.

O versículo 13 diz que despachos foram enviados por mensageiros a todas as províncias do rei com a ordem de destruir, matar e aniquilar todos os judeus, jovens e velhos, mulheres e crianças pequenas, em um único dia, o 13º dia do 12º mês, no mês de Adar, e saquearem os seus bens. Uma cópia do edital deveria ser emitida como lei em todas as províncias e divulgada ao povo de todas as nacionalidades para que estivessem prontos para aquele dia. Em contraste com a sensação de distância e não envolvimento criada pelo uso repetido da voz passiva, aqui vemos a ação que ordena o decreto.

Eles deveriam destruir, matar e aniquilar todos os judeus, jovens e velhos, mulheres e crianças, num só dia. Com tanto texto em dupletos, a força desses três verbos em rápida sucessão, seguidos pela lista abrangente de vítimas, é inconfundível. O fechamento concedeu liberdade para todos os saques depois que todos os legítimos proprietários e potenciais herdeiros foram eliminados em um dia.

Com o versículo 15, vemos os mensageiros pressionados para os confins do império onde, como aprendemos no capítulo 9, um grande número de pessoas se uniram à causa, mesmo depois do contra-decreto. Ao mesmo tempo, o edital foi emitido na

cidadela. O rei e Hamã tiveram uma celebração privada, notável pelo tom insensível após a imensidão do seu crime.

E a população de Susa, que ocupa o último lugar na lista, ficou genuinamente agitada com o decreto, embora não nos seja dito porquê ou que forma este tomou. Na verdade, uma parte significativa da confusão pode ter sido devida a um vasto e emaranhado complexo de respostas variadas, desde o horror, por um lado, até a alegria desenfreada. Eles se distinguiam, esse povo de Susa, da elite da cidadela, uma minoria que havia ordenado o derramamento de sangue e onde o decreto foi promulgado.

À medida que avançamos para o capítulo 4, vemos a resposta de Mordecai. Era visível e audivelmente evidente. Roupas rasgadas e panos de saco feitos de pelo grosso de cabra ou de camelo eram roupas de exposição e auto-humilhação.

Pó e cinzas eram lembretes da destruição da carne pela morte. Essas práticas simbolizavam a impureza ritual e a separação de Deus. Por causa da vergonha inerente ao saco, não era permitido manchar a arena do poder no portão do rei.

A extrema amargura do clamor de Mordecai, literalmente ele deu um grande grito, deveu-se não só à ameaça que representava para o seu povo, mas também talvez ao peso da sua própria responsabilidade nas circunstâncias que levaram a este ponto. Sua recusa em se curvar a Hamã se transformou em uma crise para todo o seu povo. A escolha do local, no entanto, é indicativa de outro motivo, possivelmente no seu clamor público.

Foi a melhor maneira de chamar a atenção de Esther e colocá-la em ação. Na reclusão do palácio, ela nem sabia que algo havia acontecido. Versículo 3, em todas as províncias às quais chegou o decreto e a ordem do rei, houve grande luto entre todos os judeus, com jejum, choro e pranto.

Muitos jaziam sobre sacos e cinzas. Aqui, vemos o luto de Mordecai a nível individual espelhado e amplificado à medida que populações judaicas inteiras lamentavam abertamente. O jejum era uma característica proeminente de seu luto e é um contraponto à festa que prevalece em todo o texto, e veremos mais sobre isso.

À medida que o resto do capítulo se desenrola, Mordecai e Ester se enfrentam, confronto mediado por Hathach, um dos eunucos da rainha Ester. Inicialmente, Ester desafiou Mordecai. Neste ponto, na sua percepção, as ações de Mordecai eram perigosamente inadequadas, dada a sua posição.

O hebraico usa o título rainha, pois o sujeito da palavra estava em grande perigo. Esta é uma palavra usada apenas uma vez e sua raiz denota contorção. Sua reação sugere constrangimento.

Despachar roupas para ele foi uma tentativa de reprimir sua explosão da maneira mais eficaz e rápida possível, para que não tivesse consequências negativas para ela. Sua reação tradicional pareceria extrema, e o saco ritual teria sido extremamente desagradável e impróprio. Afinal, Ester passou cinco anos agindo de acordo com o protocolo da corte e, sem dúvida, estava muito preocupada com o que o rei pensaria e como ele reagiria.

Interrompendo o que provavelmente foi uma grande multidão, Ester convocou Hataque, o eunuco, designado para servi-la, e o enviou a Mordecai. Ela deve ter tido um alto grau de confiança em Hathach, e teria ainda mais motivos para fazê-lo à medida que a sensibilidade desta situação se revelasse. O hebraico, *maze ve'al maze*, parece reforçar a interrogação que ela lhe faz.

Isso pode ser o equivalente a: o que diabos você está fazendo? Com o versículo seis começa a extraordinária troca. A presença contínua de Hathach serve para diminuir o ritmo da narrativa e, assim, aumentar a tensão enquanto ele medeia. Nesta primeira aventura, o discurso é indireto, pois as circunstâncias do edital foram repetidas em benefício de Ester.

No versículo sete, Mordecai primeiro explicou o que havia acontecido com ele, sem dúvida incluindo o decreto de se curvar diante de Hamã, sua recusa em fazê-lo e as duras consequências que resultaram em seu luto em nome do povo judeu. Depois apresentou detalhes substanciais que suas fontes haviam fornecido, até mesmo a quantia de dinheiro que Hamã havia oferecido para seu extermínio. Ele demonstrou que sua preocupação não se baseava em informações vagas, mas em conhecimentos precisos.

Para confirmar ainda mais a gravidade da situação, Mordecai produziu uma cópia do decreto escrito para Hatach. Mordecai esperava que Ester absorvesse o relatório e agisse de acordo, o que significava implorar por misericórdia e suplicar ao rei em nome de seu povo. Em outras palavras, neste ponto, Mordecai estava pedindo a Ester que revelasse a identidade que ele havia recomendado que ela escondesse até aquele momento.

E esta é a última vez que Mordecai comandará Ester. A partir do versículo 10, Hatá continuou a mediar, mas as palavras de Ester e Mordecai são apresentadas como um diálogo direto. Literalmente, Ester comandou-o, isto é, Hatá, quando ele retornou a Mordecai, e seu papel como rainha autoritária começou a emergir neste ponto e estaria totalmente operacional em pouco tempo.

Versículo 11, as palavras de Ester a Mordecai, citação, todos os oficiais do rei e o povo das províncias reais sabem que para qualquer homem ou mulher que se aproxima do rei no pátio interno sem ser convocado, o rei tem apenas uma lei, que

ele seja condenado à morte. A única exceção é o rei estender o cetro de ouro para ele e poupar sua vida, mas 30 dias se passaram desde que fui chamado para ir até o rei. Aqui, as primeiras palavras articuladas de Ester constituíram uma apologética válida para a inação diante da morte quase certa.

Ela expressou relutância com base no que era de conhecimento geral sobre uma restrição abrangente. O texto diz, qualquer homem ou mulher. Além disso, todos sabiam, e a implicação é que Mordecai também deveria saber disso, especialmente porque ele parece saber todo o resto.

A preocupação de Ester com seu próprio bem-estar baseava-se no fato de ela não ter sido chamada ao rei por 30 dias, algo que Mordecai não saberia. É muito provável que Ester estivesse ciente de outros atos cruéis por parte do rei. A provocação adicional de admitir que era judia tornaria, na sua opinião, o caso desesperador.

A resposta de Mordecai a ela foi contundente, contrapondo o privilégio de sua posição real à sua identidade judaica e insinuando que o perigo era tão grande que mesmo ser a rainha favorita não a salvaria. Ele disse: não pense que por estar na casa do rei, só você, de todos os judeus, escapará. Pois se você permanecer em silêncio neste momento, o socorro e a libertação para os judeus surgirão de outro lugar, mas você e a família de seu pai perecerão.

E quem sabe, senão que você chegou à posição real para um momento como este. Em outras palavras, uma vez que Hamã descobrisse que ela era judia e parente de Mordecai, seu destino seria terrível. Mordecai não disse como previu que Hamã poderia descobrir esse detalhe ou precisamente de onde viria essa traição.

Pode ter havido um duplo significado na fuga de todos os judeus, como ele articulou. Ou ela não escaparia porque sua identidade se tornaria conhecida junto com a dos outros judeus, ou talvez ela não escaparia da retribuição das mãos dos próprios judeus, que seriam libertados de outro bairro e, talvez, daqueles que eram vira-casacas. Ester pode ter ficado tentada a pensar que, tendo ocultado a sua identidade durante seis anos, poderia continuar a fazê-lo.

Mordecai destruiu essa ilusão. Uma leitura inicial do versículo 14, que acabamos de ler, parece indicar a esperança inabalável de Mordecai na providência de Deus. Mesmo que Ester permanecesse em silêncio, disse ele, a libertação surgiria de outro lugar, mas a própria Ester teve a oportunidade de ser um ator significativo na libertação do seu povo.

No entanto, não está nada claro como ler a declaração sobre a libertação por si só e depois como lê-la no contexto do resto do versículo, bem como a ameaça potencial no final do versículo 13. Por qualquer razão, Mordecai tinha acabado de avisar Ester

que ela não estava imune na casa do rei, e ele repetiu o aviso aqui: você e a casa de seu pai perecerão. Este último o incluía, pois era sua única família.

Isso seria particularmente importante para ela, já que ela havia sido criada por ele na ausência da casa de seu pai. Além disso, seu desafio de considerar a razão pela qual ela havia sido trazida para a posição real só teria força se não houvesse outra alternativa. Caso contrário, ela poderia facilmente ser tentada a não fazer nada, descansando na esperança de que o alívio realmente viria de outro lugar.

Uma maneira de abordar a questão é postular que a ajuda pode surgir, a palavra hebraica é *ya'amod*, mas estaria em outro lugar, e a proximidade do palácio real com Hamã, no centro do redemoinho, significaria que Ester e Mordecai seria varrido. Mas aqui está outra possibilidade. A segunda cláusula deste versículo pode ser uma pergunta retórica que pressupõe uma resposta negativa.

Em outras palavras, a parte relevante seria: se você ficar em silêncio neste momento, a ajuda e a libertação virão para os judeus de outro lugar? Responda, não, não vai, e você e a casa de seu pai também perecerão. Esta versão, possivelmente gramaticalmente, aborda os problemas que incumbem às leituras tradicionais do texto. Ou seja, se a ajuda surgiu de qualquer lugar que se entende por outro lugar, por que a família de Ester, e especialmente Mordecai, também não seria entregue por este agente? Como resultado da natureza verdadeiramente terrível do desafio de Mordecai, o humor de Ester mudou dramaticamente e a narrativa tomou um rumo muito decisivo.

Neste momento crítico, Ester escolheu publicamente identificar-se com o seu povo, mesmo ao provável custo da sua vida. Ela era perita em administrar o delicado equilíbrio entre a obediência ao seu guardião e a capacidade de resposta às exigências da corte pagã. Neste ponto, porém, a sua força de carácter manifestou-se na sua resolução de desafiar a lei do rei, revelar a sua identidade judaica e confrontar a pessoa mais poderosa do império.

Sabendo que o jejum era uma parte antiga e venerável da sua tradição, ela apelou a um jejum coletivo e abrangente, continuando assim a participação comunitária nesta crise que começou como resposta ao edital. Um apelo radical à intervenção de Deus, este jejum excedeu todos os jejuns obrigatórios em termos de severidade. Não haveria comida nem bebida durante três dias e três noites.

Portanto, embora a oração não seja explicitamente mencionada, sem dúvida fazia parte do empreendimento. No início de sua identidade pública com o Judaísmo, Ester submeteu-se a uma de suas disciplinas mais rigorosas e determinou ainda que suas jovens, que talvez nem fossem judias, jejuassem da mesma maneira junto com ela. Depois disso, ela entraria na presença do rei.

Suas palavras finais para Mordecai são reveladoras. Apesar deste surpreendente apelo colectivo à misericórdia divina, ela esperava que o empreendimento fracassasse. A sua declaração pode ser traduzida quando eu perecer, eu perecer, indicando o seu reconhecimento de que a morte era o resultado provável de qualquer uma das escolhas.

A ironia é que sua decisão a transformou de receptora passiva em atriz e iniciadora no resto do drama. Versículo 17, então Mardoqueu foi embora e cumpriu todas as instruções de Ester. A primeira diz literalmente que Mordecai fez a travessia e, com base nisso, os primeiros intérpretes rabínicos sugeriram que ele transgrediu o mandamento de Deus ao ordenar um jejum nos dias 13 e 14 de Nisan.

Ele pode, contudo, simplesmente ter deixado a cidadela, atravessando a cidade de Susã para reunir os judeus e iniciar o jejum. Neste momento crítico, a Septuaginta, apenas para nosso interesse, inclui orações longas e apaixonadas de Mordecai e Ester. Mas então voltamos ao texto.

Após três dias de jejum, Ester fez sua grande entrada no capítulo cinco. Para se preparar para o encontro com o rei, Ester vestiu-se com trajes reais e assumiu sua posição. Isto não era apenas roupa, ela estava se apresentando na posição do rei.

Mas Ester ficou de pé enquanto o rei estava sentado. A estrutura da frase centra-se no palácio de forma a criar suspense. Beit HaMelek, traduzido tanto do palácio quanto do salão do rei, Beit HaMalchut, desculpe, Beit HaMalchut e HaBeit são usados quatro vezes em um verso.

Os dois atores posicionaram-se em frente ao ponto crítico da porta. O rei estava abrigado no palácio, ela se aproximava dele. O que o rei viu foi Ester, a rainha.

Seu comportamento régio novamente conquistou seu favor, aquele idioma ativo, e ele demonstrou a evidência desse favor estendendo o cetro. Que havia um protocolo preciso e imutável, conforme sugerido pela linguagem comedida e cuidadosa do hebraico. Traduzido, o rei estendeu a Ester o cetro de ouro que estava em sua mão e Ester se aproximou e tocou a cabeça do cetro.

Neste ponto, a Septuaginta mostra Ester delicadamente apoiada em suas criadas enquanto ela se aproximava, com o coração cheio de medo, seguida por uma descrição da raiva feroz do rei, que se deseja inspirar medo e admiração, talvez pensando que o texto massorético, o texto hebraico, carece de tempero suficiente. As traduções e interpretações dão continuidade aos acréscimos melodramáticos. Ester caiu, ficou pálida e desmaiou, e embora o rei estivesse irado, Deus mudou seu coração e, em vez disso, ele saiu do trono para seus assistentes e a consolou em seus braços enquanto ela amontoava sobre ele reconhecimentos apropriados de sua majestade real.

Voltando ao texto hebraico, versículo três, o rei estava obviamente ciente de que algo crítico fez Ester arriscar a vida e transgredir o protocolo da corte. Sua pergunta começou com o hebraico mah-lak, literalmente, o que isso significa para você ou o que é para você? Esta não foi, contudo, a retórica padronizada que ele usou nos dias subseqüentes. Foi muito mais abreviado.

Talvez ele tenha ficado comovido com a aparência dela e parte da investigação tenha sido, na verdade, sobre sua própria angústia. Embora possa parecer brusco, ele seguiu com a pergunta padrão, qual é o seu pedido, que reaparecerá. A promessa de até metade do reino parece ter sido uma convenção, vemos isso novamente em Marcos capítulo seis, mas mesmo assim é interessante.

Embora detivesse o poder de vida e morte na forma de seu próprio cetro, ele estava pronto para ser dominado pelo pedido dela e, de fato, prometeu atendê-lo antes que ela falasse. O pedido de Ester para que Hamã e o rei comparecessem a um banquete privado que ela já havia preparado é indicativo de que ela havia planejado cuidadosamente sua estratégia. Dada a sua aventura na presença do rei, o simples fato de ela convidá-lo para um banquete era um sinal para ele de que o verdadeiro problema ainda estava para ser divulgado.

Sem dúvida, esta manobra despertou sua curiosidade. A festa, além de se adequar tanto à cultura da corte quanto aos temas textuais, proporcionaria um local menos rígido e público para abordar a natureza difícil e delicada de seu pedido. A forma hebraica do convite de Ester estava de acordo com a estatura dos dois convidados pretendidos.

Literalmente, seria lido, deixe o rei vir, versículo oito também. Assim, o rei atendeu ao pedido de Ester. Hamã foi trazido às pressas e o rei entrou, novamente o verbo no singular talvez o separasse, junto com Hamã.

Neste ponto, as três pessoas aparentemente mais poderosas do império persa estavam reunidas numa sala. E assim, lemos o versículo seis, enquanto eles bebiam vinho, o rei perguntou novamente a Ester, agora qual é a sua petição? Isso será dado a você. E qual é o seu pedido? Até metade do reino será concedido.

Parece que havia um prato separado para o consumo do vinho, literalmente um banquete do vinho, um mishte yayin, no final do banquete. Talvez tenha servido de ocasião para abordar questões consideradas inadequadas durante o jantar principal. A primeira pergunta abreviada do rei que vimos no versículo três foi em parte em resposta à entrada não convidada de Ester em sua evidente angústia.

Neste contexto, a sua atitude foi muito mais comedida, talvez de acordo com o protocolo. Se de fato a petição e o pedido duplo fossem a retórica padrão da corte,

Ester teria conhecido esse padrão e poderia ter preparado seu pedido crítico, que ela ofereceria no segundo banquete, capítulo sete, com antecedência para se adequar perfeitamente a isso. Essa dupla retórica moldou tanto a estrutura narrativa quanto o primeiro padrão de resposta de Ester aqui no versículo sete.

Uma versão literal é ela respondida e dita, uma construção muito hebraica, mas é dupla; ela respondeu e disse: minha petição e meu pedido. A frase incompleta aqui é intencional, embora vá contra a maioria das traduções modernas, que simplesmente lêem o versículo oito como a continuação deste pedido. É evidente, porém, que o pedido dela não era simplesmente que eles comparecessem ao próximo banquete, como lemos no versículo oito.

Um público sensível poderia imaginar sua pausa, talvez para se equilibrar caso estivesse vacilando sob pressão. Pode ser que ela tenha adiado espontaneamente o momento em que deveria expor a traição do conselheiro favorito do rei e declarar sua própria identidade. Por outro lado, a pausa pode representar o próximo passo no seu esquema calculado para desfazer Hamã sistematicamente.

Versículo oito: se o rei me considerar com favor e se for do agrado do rei atender minha petição e atender meu pedido, que o rei e Hamã venham amanhã ao banquete; Vou me preparar para eles. Então, responderei à pergunta do rei. Aqui, Ester estava no comando total da retórica, o diplomata consumado usando toda a extensão das formas duplas conforme o próprio rei as havia articulado.

Ela formulou o assunto com primor, obrigando o rei a atender seu pedido quando ele finalmente chegasse. Citação, se parece bom atender meu pedido, então deixe-o vir. Além disso, ela prefaciou tudo com seu próprio floreio, se eu obtivesse aprovação e se parecesse bom.

A primeira expressão, novamente, encontrar favor, é a expressão mais comum e talvez indique uma certa deferência da parte dela. O convite para o segundo banquete, se planeado desde o início, acalmaria ainda mais Hamã, levando-o a uma mentalidade que ficaria atordoado quando o anúncio fosse feito e talvez impediria uma evasão política inteligente da sua parte. A promessa de Ester era literalmente fazer de acordo com a palavra do rei.

Uma declaração interessante à luz do fato de que ele havia dito que faria qualquer coisa até metade do reino por ela. Em contraste com o seu primeiro convite, aqui Ester disse que prepararia o banquete para eles, não para ele, o rei. Esta é uma inclusão inexplicável que pode ter causado pontadas de ciúme por parte do rei.

Assim, como sugere o comentarista rabínico, mantê-lo acordado na noite seguinte. Nesse ponto, o narrador deixa o público em suspense com maestria enquanto a

relação entre Hamã e Mordecai é retomada. Vemos novamente a volatilidade de Hamã nas próximas duas vinhetas no final do capítulo cinco.

O versículo nove também é baseado em díades. Alegria e bom humor, *tov lev*, literalmente o bom coração, caracterizando Hamã em contraste com a recusa de Mordecai em se levantar ou tremer. Anteriormente, a ordem que Hamã desafiou, desculpe, anteriormente a ordem que Mordecai desafiou foi curvar-se e prostrar-se diante de Hamã.

Agora, tendo completado os três dias de jejum e provavelmente ciente de que Ester havia entrado com sucesso na sala do trono, ele voltou a sentar-se no portão, possivelmente com a intenção de reunir cada fragmento de informação que pudesse descobrir. Vendo Hamã chegando, ele se recusou a se levantar como primeiro passo no procedimento obrigatório. O verbo adicional é revelador.

Hamã pretendia com seu decreto despertar o terror, mas Mordecai não vacilou. Como resultado, o estado mental de Hamã mudou para fúria. Ele fingiu, nos versículos 10 e 11, ser indiferente, mas sua emoção transbordou em sua ostentação exagerada para seus amigos na erupção final de seu orgulho ferido.

Desejando uma audiência, ele convocou seus amigos e Zeresh, sua esposa, que tiveram que ouvir um recital de coisas que já sabiam e talvez tivessem ouvido inúmeras vezes antes. A ordem no versículo pode sugerir o que era mais importante para ele. Ele falou primeiro de sua grande riqueza e depois de seus muitos filhos.

Depois disso, ele se tornou eloqüente sobre seu próprio status exaltado, especialmente acima de todos os outros de estatura comparável. Se os amigos já tinham ouvido todas as suas ostentações anteriores, o fato de que só ele teve o privilégio de jantar em particular com a rainha Ester e o rei era novidade para eles. Literalmente, ele foi levado para o banquete, assim como seria para o segundo, e se isso não bastasse, disse ele, o mesmo aconteceria amanhã.

E neste ponto, Hamã revelou a grande falha do seu orgulho egocêntrico. Embora fosse o segundo depois do rei, ele ansiava pela obediência de uma pessoa que a recusou e cujo povo ele desprezava, Mordecai, o judeu. A essa altura, ele estava tão perturbado que a própria existência de Mordecai o fez perder o controle.

Citação, nenhuma de suas realizações foi satisfatória enquanto Mordecai estava vivo. Em resposta, parece que Zeresh tomou a iniciativa de aconselhar Hamã sobre como proceder. O verbo no versículo 14 está no singular, embora os amigos também tenham participado da consulta.

Tal como acontece com as outras mulheres na narrativa, ela agiu e falou de uma forma que suscitou respostas, todas bastante divertidas à luz do decreto que

determinava que os homens deveriam dominar as suas próprias casas. Seu conselho foi elaborado para envergonhar Mordecai e as pessoas que ele representava e, ao fazê-lo, abordar a humilhação e o orgulho ferido que atormentavam Hamã toda vez que ele via Mordecai. O pedido para que Mordecai fosse empalado num poste ridiculamente alto, um oitavo, literalmente uma árvore, indica o frenesi de Hamã para degradá-lo completamente.

Este poste seria visto por toda Susa. A altura também pode refletir o fato de que tudo o que é oficial neste ambiente foi feito em grande escala. Para uma grande escala paralela, poderíamos nos referir ao capítulo 3 de Daniel na estátua de 27 metros.

A mesma mentalidade parece ter prevalecido. Passando para o capítulo 6, as coincidências generalizadas no capítulo 6 são indicações claras de que algo mais estava em andamento. Acontece que o rei estava com insônia.

Acontece que as crônicas estavam abertas ao ponto da boa ação de Mordecai. Acontece que Mordecai esperou cinco anos sem dizer nada. Aconteceu que Hamã estava do lado de fora num momento propício quando o rei determinou que esse assunto precisava ser resolvido.

E aconteceu que o rei não nomeou a pessoa a quem desejava honrar, de modo que Hamã presumiu que não poderia ser outro senão ele. As reversões foram a mão da providência. A insônia virou a história de cabeça para baixo.

Se isso não tivesse acontecido, Mardoqueu já estaria morto antes do segundo banquete de Ester. Lemos no versículo 1, capítulo 6, que naquela mesma noite o sono do rei fugiu ou foi perturbado. Uma imagem notavelmente adequada da frustração da insônia.

Comentaristas, tanto antigos quanto modernos, especularam sobre por que o rei foi afligido dessa maneira. Preso na teia emaranhada de seus pensamentos, pode ter havido apreensão por ele ter prometido a Ester até metade do reino. Talvez a suspeita dos motivos de Ester para convidar Hamã para banquetes privados e sua insinuação de que ela era igualmente solícita com Hamã e com o rei.

Ou talvez a lembrança de uma tentativa de assassinato que ocorreu bem na sua porta, alguns anos atrás. De qualquer forma, o material de leitura foi o Livro das Recordações, os Assuntos dos Dias. É uma expansão do Sefer Divrei Hayamim, que é um termo para crônicas.

É mais um exemplo dos excessos de linguagem quando a ação voltou à esfera da corte persa. A forma verbal, que aqui é vayhi, vayhiyu mais o particípio passivo,

sugere um processo de alguma duração. Pode ser que os leitores do tribunal tenham ficado falando monotonamente durante boa parte da noite.

O registro da tentativa de assassinato contra Xerxes com nomes e títulos foi encontrado escrito, dois verbos passivos refletindo a corte impessoal e servindo como um indicador sutil da revelação providencial desses assuntos no momento certo. A voz passiva continua no versículo três, literalmente, o que foi feito? Nada foi feito. Os jovens atendentes deram a resposta como fizeram no capítulo dois.

A referência específica à honra e à grandeza neste contexto é um eco da promoção de Hamã no capítulo três de Ester. A honra mal direcionada era uma injustiça que precisava ser resolvida. Capítulo seis, versículo quatro, o rei disse, quem está na corte? Ora, Hamã acabara de entrar no pátio externo do palácio para falar com o rei sobre enforcar Mardoqueu na forca que ele havia erguido para ele.

Seus assistentes responderam: Hamã está no tribunal, traga-o, ordenou o rei. Nem o rei nem Hamã dormiram e ambos tinham Mordecai em mente, mas com objetivos totalmente diferentes. Ao entrar no átrio exterior, Hamã chegou muito cedo, o que indica a pressa indecorosa com que pretendia acabar com Mardoqueu.

Ele também veio dizer ao rei para não perguntar, uma atitude realmente ousada. Hamã havia se posicionado no pátio para estar pronto para o primeiro momento de acesso. Sua entrada na presença do rei ocorreu logo após a leitura que durou toda a noite, sugerindo que ele foi conduzido ao quarto do rei.

E nesse ponto, sairemos temporariamente da nossa narrativa.